

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FERNANDA SOUSA ALVES SPERCHI

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O “MAU ALUNO”:

O QUE REVELAM AS IMAGENS NA INTERNET

CAMPINAS

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FERNANDA SOUSA ALVES SPERCHI

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O “MAU ALUNO”:

O QUE REVELAM AS IMAGENS NA INTERNET

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp, para obtenção do título de bacharel em pedagogia, sob orientação da Professora Dra. Ângela Fátima Soligo.

CAMPINAS

2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Sp36r

Sperchi, Fernanda Sousa Alves, 1982-
Representações sociais sobre o “mau aluno”: o que
revelam as imagens na internet / Fernanda Sousa Alves
Sperchi. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

Orientador: Ângela Fátima Soligo.
Co-orientador: Ronaldo Alexandrino
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Representações sociais. 2. Alunos. 3. Aluno problema.
4. Professores - Atitudes. 5. Senso comum. I. Soligo, Ângela
Fátima, 1956- II. Alexandrino, Ronaldo, 1978- III.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
IV. Título.

13-104-BFE

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria e Antônio; ao meu marido Otavio; à minha irmã Margarete e especialmente à minha querida Avó, Antônia de Paula Sousa Bezerra (obrigada por fazer parte de minha vida) dedico este trabalho.

Parabenizo os bons professores com os quais tive o enorme prazer de estudar durante esse curso, que trabalham com muita seriedade e respeito pelos seus alunos. Os professores: Ana Maria F. de Aragão, José Luís Sanfelice, Regina Maria de Sousa, Carminha, Débora Mazza, Adriana Momma, Eliana Ayoub e Alik Wonder são pessoas que marcaram para o bem minha trajetória na faculdade de educação, eu os agradeço de coração.

Gostaria de agradecer à professora Ângela Soligo e ao Ronaldo Alexandrino, por terem me orientado neste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar as representações sociais sobre o mau aluno, alcançar uma perspectiva de senso comum a cerca deste conceito sobre o discente, e os desdobramentos da representação de mau aluno, para quem é alvo desta concepção, de forma a revermos mudanças nas atitudes docentes que afetam o aluno. O estudo apoia-se na Teoria das Representações Sociais, segundo a qual o homem reflete sobre seu cotidiano a partir de sua realidade, constrói sua subjetividade, resignifica o social em que está inserido. Os sujeitos não são meros reprodutores das ideias presentes em seu meio, mas fundamentalmente criadores delas, quando as interpretam e não apenas as reproduzem. Foi realizada uma análise de figuras relacionadas ao conceito de mau aluno encontrado na internet, que apontam a presença de estereótipos e preconceitos ligados a esta representação. Destacam-se na pesquisa de imagens realizada, alguns aspectos marcantes e recorrentes associados ao estereotipo do mau aluno: falta de inteligência; falta de atenção ou desinteresse pelas aulas; notas avaliativas baixas; duvidas ou dificuldade em resolver atividades propostas; comportamento pessoal; aparência física e idade do aluno. Estes aspectos revelam preconceitos, ideias subjetivas e de conotação negativa sobre o sujeito tachado de mau aluno.

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO.....	1
2) O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	4
3) O LUGAR SOCIAL DE CADA UM NO AMBIENTE ESCOLAR.....	8
4) REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EXPECTATIVAS SOBRE O ALUNO NA SALA DE AULA.....	11
5) OBJETIVOS.....	15
6) METODOLOGIA.....	16
7) ANÁLISE DAS IMAGENS.....	17
8) CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
9) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

A avaliação é parte integrante da maioria dos processos de ensino-aprendizagem; e leva em conta os objetivos de ensino e os de aprendizagem. Durante a trajetória educacional, a grande maioria de nós, esteve sujeito às avaliações que partiam de nossos professores e de nossos colegas, sobre nós ou sobre outros alunos.

Juízos de valor são constantemente formulados e externados por todos nós, muitas vezes no que concerne à profissão docente, nem sempre estão focados em objetivos de ensino. É impossível a dissociação da fala do professor de sua forma de enxergar o outro e a educação.

Cada professor constrói uma imagem para identificar o aluno a partir de diversos elementos tais como: a aparência física, o domínio em conteúdos ou habilidades, seu comportamento; os docentes buscam assim respaldo para suas impressões e muitas vezes passam a encarar estes elementos, como reveladores de toda a verdade sobre o aluno.

A análise dos resultados obtidos pelo aluno muitas vezes associado ao seu comportamento, não são apenas vistos através de suas dificuldades na aprendizagem, mas também de conceitos e preconceitos sobre aquele educando.

A prática discursiva e conseqüentemente avaliativa de professores pressupõe a definição de critérios para o referencial de competência, do que é ser ou não ser um bom aluno.

Juliana Santana Cavallari (2003) insere alguns apontamentos no seu artigo *O discurso avaliador do sujeito-professor na constituição da identidade do sujeito-aluno*, analisando a constituição da identidade do sujeito-aluno, a partir do olhar do professor através do seu discurso avaliador e jurídico.

Pensando na relação da sociedade moderna com a imagem: imagem como signo do real, o presente trabalho vai buscar a partir das análises de imagens sobre o mau aluno, veiculadas na internet por meio do site de buscas Google, alcançar uma perspectiva de senso comum acerca deste conceito sobre o discente, e os desdobramentos da representação de mau aluno, para quem é alvo desta concepção; levando em consideração o efeito do discurso de professores, na constituição da identidade do aluno pressupondo a constituição do ser pelo olhar do outro (Coracini,2002). Percebemos a fotografia moderna muito movida pelo desejo de apreensão de material do mundo, acreditamos muito nas imagens porque para nós, a visão se constitui como o sentido principal em nossa cultura, neste sentido a visão é o sentido que melhor nos apresenta a realidade, portanto, análise imagética permite um panorama relevante sobre as representações do mau aluno no nosso contexto social.

O referencial conceitual deste trabalho será a Teoria das Representações Sociais.

Serge Moscovici (2010) em seu livro *Representações Sociais: Investigações em psicologia social* reúne algumas das principais

ideias sobre a Teoria das Representações Sociais, que é o estudo de como as pessoas partilham o conhecimento e o transformam em realidade comum, de como elas transformam ideias em prática. Moscovici afirma que a realidade é fragmentada e estabelece uma classificação das pessoas, o que faz com que algumas delas se tornem invisíveis e outras visíveis. Desta forma as representações sobre um elemento em determinada sociedade, só fazem sentido dentro desta mesma sociedade, que enaltece seus eleitos através da vinculação de representações positivas, que são comuns a todos os membros desta comunidade. Portanto a nossa visão junta às imagens que aprendemos em categorias culturais, para formar os objetos e construir sujeitos que estão inseridos em determinado contexto, e acabam por designar cidadãos de primeira classe e seus antagônicos.

Ainda segundo o autor nossas reações aos acontecimentos recorrem a uma definição comum aos membros de uma comunidade a qual pertencemos, portanto vivemos em um mundo social e o analisamos de maneira semelhante.

O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

No dicionário Houaiss a palavra representação é sinônimo de ideia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa.

O conhecimento surge dos interesses humanos e é produzido através da interação de determinado grupo em determinada realidade; representar é um processo de produção de conhecimento.

Nosso cotidiano social está carregado de conceitos e imagens com os quais buscamos familiaridade ao longo de nossas vidas. As interações sociais mediadas pela comunicação são a fonte de produção das representações, assumindo o aspecto de teorias do senso comum, que segundo Mazzotti (2008), são construções esquemáticas que visam dar conta da complexidade do objeto, facilitar a comunicação e orientar condutas.

O conceito de representação social aqui trabalhado ampara-se no estudo sobre a representação social da psicanálise introduzida por Moscovici em 1961, a intenção do autor era redefinir o campo da Psicologia Social a partir do fenômeno das representações, enfatizando sua função simbólica e seu poder de construção do real, o poder das ideias é o problema da sua psicologia social.

É importante salientar que a psicologia social de Moscovici não é uma variante da sociologia Durkheimiana, no entanto Moscovici reconhece o conceito de representação coletiva de Durkheim como importante aporte teórico para a psicologia social.

Durkheim (apud Moscovici, 2010) na busca por estabelecer a sociologia como ciência autônoma, defende a separação das representações em coletivas e individuais, as coletivas diriam respeito à sociologia e as individuais ao campo da psicologia social.

As representações coletivas para Durkheim são estáticas, elas são formas permanentes de compreender o coletivo, fazendo com que as sociedades conservem forças e estruturas de poder. Este poder ajuda a conservar e integrar a sociedade. Moscovici foca-se em explorar a variação e diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas, ao contrário de seu ancestral teórico (Durkheim), para ele, portanto, as representações não são estáticas e sim dinâmicas, ele se debruça em questões de como as coisas mudam na sociedade.

Nos vários autores (MOSCOVICI, 2010; SILVA,1999; SPINK, M.J.1993) que trabalham com o conceito de representações sociais como formas de conhecimento prático, são recorrentemente destacadas algumas funções:

- 1)Função social: orienta condutas e comunicação.
- 2)Função afetiva: proteção e legitimação de identidades sociais.
- 3)Função cognitiva: formalização com novas informações, transformando o estranho, que é potencialmente amedrontador, em algo familiar.

Escolher em nosso subconsciente categorizações para uma pessoa ou objeto, significa estabelecer uma relação com o objeto de nossa significação; em 1976 em seu trabalho sobre Influencia Social, Moscovici

postula os principais processos envolvidos na elaboração das representações sociais: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem insere o que é estranho no pensamento já elaborado, portanto o desconhecido é ancorado em representações existentes, domesticando a novidade sobre os valores do grupo; ela se dá na realidade social vivida por nós, não é portanto um processo meramente cognitivo e intra-individual.

Todo pensamento ou percepção na Teoria das Representações possui ancoragem. Classificar e dar nomes são dois aspectos da ancoragem das representações, seu objetivo principal é facilitar a interpretação de características e compreensão dos atos dos sujeitos, formando opiniões.

O segundo processo de construção é a objetivação, que transforma noções abstratas em concretas; esta operação forma as imagens. A objetivação se dá em três etapas: 1ª etapa de descontextualização da informação, pela normas culturais; 2ª etapa de formação do núcleo figurativo, estrutura que reproduz de forma figurativa uma estrutura conceitual e a 3ª etapa é a naturalização, ou seja a transformação destas imagens em elementos de realidade.

Toda representação torna-se uma realidade tangível na objetivação, essa realidade é criada e difundida na coletividade e só existe no contexto deste coletivo, não podendo existir por si só.

Moscovici (2010) tenta compreender como a produção de conhecimentos diversos constitui e reforça a identidade dos grupos, como influi em suas práticas e como estas reelaboram suas ideias, mostrando

que processos de mudança social são influenciados por grupos majoritários, assim como pelos minoritários, enfatizando a dimensão psicológica por vezes esquecida por parte da sociologia tradicional.

O autor sinaliza que processos de mudança social podem ocorrer em certa autonomia do sistema social e dependendo mais dos atos dos sujeitos e grupos (mesmo minoritários) e de condição social.

Portanto, Moscovici (2010), afirma que indivíduos e coletividade movem-se em função das representações (e não exclusivamente das realidades); segundo ele, embora sociais e cronologicamente situadas, as representações individuais e coletivas podem guardar um sentido geral que transcende a sociedade que as viu nascer; este é o conceito de *themata*. As representações são da natureza dos grupos sociais que as criam, e sua eficácia, prática e simbólica, dependem deste contexto e não pode ter um sentido universal. As representações derivam, portanto de diversas sociedades que existem no interior da sociedade maior, as representações sociais necessitam da preexistência de um pensamento referencial.

O LUGAR SOCIAL DE CADA UM NO AMBIENTE ESCOLAR

As representações sociais em jogo no processo de ensino-aprendizagem revelam as perspectivas dos professores a respeito da própria profissão e dos papéis de cada um no ambiente escolar.

Práticas e diálogos presentes na escola pautam-se em um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com seu meio físico e social.

Para Moscovici (2010) a estrutura da representação tem duas vertentes pouco dissociáveis: a simbólica e a figurativa.

A ação representativa destaca uma figura e atribui a ela um sentido, que a insere no universo; de forma que cada figura corresponde a um sentido.

O sistema cognitivo interfere no social, e por consequência as representações acerca de um aluno, tendem a orientar as práticas de seus professores.

Segundo Ornellas (2012), escola constitui um espaço no qual ocorrem a fala e a escuta, é nesse lugar que se encontram dois sujeitos: o professor e o aluno, ambos são portadores de uma fala, e de uma escuta e das representações que as sustentam. Portanto escutar e falar fazem parte do processo educativo, na escola esta ação tem pesos diferentes entre os atores.

Nas considerações de Cavallari (2003), o julgamento do professor adquire o sentido de verdade incontestável, pois no imaginário escolar, o

papel do professor é moldar e inibir. O dever de disciplinar legitima historicamente o professor, que constrói e impõe na sua linguagem a realidade que julgar pertinente.

Foucault (apud Cavallari, 2003) faz um paralelo do sistema escolar com o sistema judiciário, no sentido em que a escola pune, avalia, recompensa e classifica os sujeitos. Para o autor, os indivíduos sempre estabelecem relações de poder que emanam de um saber reconhecido, portanto o poder é inerente de toda relação humana.

Nesta perspectiva, o professor ocupa o lugar de poder, é portanto a fonte de sabedoria, e o aluno ocupa o lugar do não saber e, por conseguinte, subordina-se ao saber do outro. São as imagens de subordinação ao status do professor que passam a constituir a identidade do aluno.

O professor legitimado socialmente em sua posição é o avaliador do aluno, e a prática de avaliar está sempre carregada de subjetividade, uma vez que pressupõe a atribuição de conceitos e de valor atrelados às representações de quem avalia. A avaliação serve para mascarar as representações que estão relacionadas ao julgamento do avaliador. O professor é o produtor de sentidos válidos no espaço de sala de aula, sua identidade impõe aos alunos como eles devem se comportar e pensar, já que cabe a ele (professor) avaliar, julgar, vigiar e punir (Cavallari, 2003).

Segundo Mazzotti (2008), nos julgamentos expressos pelo professor em relação ao aluno, o discurso é uma simplificação homogeneizante,

direcionada pelas imagens que se tem do outro, e os estudos (BARRETO, 1981; BRITO e LOMÔNACO, 1980; BARROS, F.; HALPERN, S.C.; SILVA, C.A.D e SILVA, L.A.D, 1999; DEL PRATE e MARTINE, 2002) recorrentemente apontam que percepções, atribuições e atitudes de professores em relação aos alunos denotam:

1. Questões de gênero influenciam fortemente a imagem que o professor tem do aluno, portanto o imaginário do docente diferencia as condições de gênero,

2. Quando o aluno é economicamente desfavorecido o professor tem baixas expectativas sobre ele,

3. Os docentes atrelam o fracasso escolar a condições sócio-psicológicas do aluno e de sua família, eximindo-se de culpa,

4. Os professores têm posturas diferentes para com alunos sobre os quais formaram altas e baixas expectativas; esse comportamento resulta em menores oportunidades para aprender e diminuição da autoestima dos alunos alvejados pelas baixas expectativas;

5. Os alunos que não atingem os altos conceitos nas avaliações atribuem seu fracasso a sua aptidão natural, e assumem as responsabilidades pelo seu desempenho escolar.

Na escola, as relações estão imbricadas pelos processos cognitivos e práticas sociais, os cinco indícios apontados acima muitas vezes permeiam as percepções dos professores, que por sua vez delegam ao aluno a condição de "mau".

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EXPECTATIVAS SOBRE O ALUNO NA SALA DE AULA

Em 1964, Robert Rosenthal, professor de Harvard, demonstrou a interferência das ideias concebidas pelos professores na capacidade acadêmica dos alunos. Duzentos e trinta alunos realizaram teste de QI, acreditando serem testes que revelariam quanto poderiam desenvolver seu intelecto. Vinte por cento destes alunos que realizaram os testes, de forma aleatória foram sorteados para serem apontados aos seus professores como os melhores. Ao final do ano letivo foram apontadas melhoras em seus pontos de QI, provando que a expectativa do professor sobre determinado aluno influencia em seu desempenho escolar.

Uma pesquisa realizada em 2012, por Robert Pianta com 440 professores, na Universidade da Virgínia nos Estados Unidos, tomou por base esta pesquisa de Rosenthal, procurou apontar que o comportamento dos docentes em sala tem que estar livres de preconceitos de forma que não prejudiquem os alunos.

Foram analisados durante as aulas comportamentos dos professores que transmitem expectativas boas ou ruins; e tomado o pressuposto de que professores tratam melhor estudantes tidos como mais inteligentes, o que favorece o seu desempenho escolar.

Os professores foram divididos em dois grupos aos quais foram ministrados cursos distintos. O primeiro curso procurava convencer os educadores de que suas expectativas podiam estar erradas e que muitos

alunos se desenvolviam menos porque isso era o esperado. Já o treinamento do segundo grupo era comportamental; ensinaram a eles técnicas de como disfarçar as expectativas sobre os estudantes e tratar todos os alunos da mesma maneira.

Os professores que tentaram mudar de expectativas tiveram apenas 12% de sucesso, enquanto os que mudaram seu comportamento registraram 24% de melhora em seu relacionamento com os alunos. Chegou-se á conclusão neste estudo que treinar o comportamento do docente é mais eficiente que tentar mudar suas crenças.

No entanto, o resultado do estudo pode ser questionado do ponto de vista do conceito de representação elaborado por Moscovici, segundo o qual a representação está associada às experiências subjetivas do sujeito, que por sua vez serão expressas na comunicação social, a atividade representativa constitui, portanto um processo psíquico, sobre o qual não podemos ter controle total, sendo assim as nossas crenças afetarão as nossas relações sociais e conseqüentemente nossos atos.

Aspectos classificatórios que os professores empregam aos alunos constituem-se de processos subjetivos, que emergem no interior da sala de aula; neste sentido as representações sociais de professor-aluno em sala de aula apontam para a escola que não conhecemos.

Rangel (1996) discute as dimensões da representação do "bom aluno" e os planos "real" ou "ideal" de sua formulação por professores, alunos, pais e funcionários, em três tipos de escola: a pública, a particular e a militar. A imagem "idealizada" do aluno a quem se atribui

o qualificativo "bom" é, então, discutida à luz de referentes da Teoria da Representação Social. Nesta pesquisa levanta-se que no ato de pensar pelo qual se representa o objeto, ocorrem em simultâneo o "real" (vivenciado) e o "ideal" (desejado).

As representações individuais ou sociais transformam o mundo no que pensamos que ele é ou deve ser, ocorrendo uma elaboração do real, que "permite a previsão" de fatos e atos. Desta forma, conceitos que qualificam ou desqualificam o aluno a nascem das expectativas e comportamentos de seus professores, que são contextualmente legitimados em sala de aula e podem, portanto a partir do seu olhar construir esse sujeito.

Gama e Jesus (apud Martini, 2002), estudaram as expectativas de professores sobre o desempenho escolar de seus alunos de escolas públicas e as atribuições de causalidade.

Percebeu-se no estudo a sistemática culpabilização individual do aluno e de sua família para o fracasso escolar, constatando-se que professores estigmatizam estudantes como menos inteligentes, geravam nos alvos desta representação expectativas de baixo desempenho e reprovação sistematizada.

Portanto, as expectativas dos professores vão configurar-se em teorias acabadas sobre o desempenho dos alunos e em profecias de auto-realização.

As relações professor-aluno são afetadas pelas crenças do professor que se transportam para as relações de aprendizagem e afetam o

desenvolvimento social e emocional dos alunos. Portanto, as representações de bom e mau aluno são ancoradas e ancoram representações sociais que extrapolam o espaço da escola (Soligo, 2013).

O professor enquanto formador, a partir de sua visão faz com que o aluno se perceba e se constitua em “determinados termos”. Nós existimos a partir do outro, da visão do outro, neste prisma o mundo é apreendido em diferentes ângulos, que não necessariamente o individual, possibilitado pela vivência da socialização (Gusmão, 1999).

Para Larrosa, Lara (apud Gusmão, 1999): “as imagens que fabricamos e as formas como elas funcionam classificando e excluindo pessoas que não são como nós e, que necessitam ser enquadradas em...aparatos pedagógicos, assistenciais ou terapêuticos (...) têm como função fazer os loucos entrarem em nossa razão, as crianças em nossa maturidade, os selvagens em nossa cultura, os estrangeiros em nosso país, os delinquentes em nossa lei, os miseráveis em nosso sistema de necessidades e os marginalizados e deficientes em nossa normalidade. Tudo para tornar nossa razão mais segura de si mesma.”

A análise de produção de crenças dos professores é um meio de revermos mudanças nas atitudes docentes que afetam o aprendizado, mudando as atribuições de causalidade.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é alcançar uma perspectiva de senso comum acerca do conceito de mau aluno e evidenciar o papel do professor enquanto construtor de imagens sobre os alunos.

São objetivos específicos do trabalho:

1. Levantar e analisar imagens correlacionadas a mau aluno verificadas na internet, encontradas no site de buscas Google.
2. Selecionar imagens que façam referência direta ao tema,
3. Checar imagens por meio de análise temática.
4. Construir reflexões sobre a atuação docente, que está imbricada pelos processos cognitivos e práticas sociais, portanto permeada pelas representações que imperam no seu contexto social. Discutindo assim representações do professor e suas expectativas em relação aos alunos.

METODOLOGIA

A monografia de Kawakami (2008) foi um referencial para a metodologia que se apresenta a seguir, no referido trabalho foi realizada uma análise de imagens de professores encontradas na internet.

Usando as expressões chave: “mau aluno”, “aluno ruim” e “aluno problema” (o feminino do substantivo aluno também foi utilizado junto aos adjetivos propostos), no site de buscas Google, escolheram-se imagens que do ponto de vista deste trabalho, fazem referencia direta ao tema. Foram utilizadas imagens de pessoas reais ou desenhos.

Excluíram-se imagens de pessoas que falam sobre o assunto, por exemplo: ministros da educação, técnicos e pesquisadores, imagens de pessoas que se apresentam como ou não tem relação com o tema.

ANALISE DAS IMAGENS

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral da verdade, isto é os discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (Foucault, 2004). A realidade é expressa por signos que remetem a algo que existe na nossa cultura, e pelo qual se constitui uma representação do real ou daquilo que se considera realidade.

Percebemos que as imagens em nossa sociedade moderna adquirem status de signo do real e são, portanto vestígios de como fazemos a apreensão material do mundo; seja através de associação da imagem a palavras e conceitos, ou seja, pela manipulação desta imagem transformando-a no sentido a ser transmitido.

A internet hoje é expressão importante da comunicação em nossa cultura, hoje ela é a voz e vitrine do mundo social em que vivemos. No site de buscas Google, realizou-se uma procura por imagens digitando-se as expressões: “mau (má) aluno (a)”, “aluno (a) ruim” e “aluno (a) problema”; são vastas as representações correntes sobre o tema que aqui se quer debater.

O imaginário social institui o mau aluno em imagens construídas e veiculadas e mantidas coletivamente na internet e fora dela. Os conceitos apresentados nas imagens buscam representações existentes em nossa sociedade para classificar o indivíduo (ancoragem) e apresentam-se não mais de forma abstrata, mas como representação fidedigna da realidade (objetivação).

As imagens analisadas foram marcantes para esta discussão, e constituem um esforço para destacar as subjetividades dos signos, que se traduzem em representações do mau aluno.

O termo “mau aluno” é a expressão da construção da identidade que se elabora de determinado sujeito em situação escolar, verifica-se que neste enunciado se deixou de dizer outros sentidos, que passam a estar implícitos neste dizer. Os sentidos não ditos ficam subentendidos como se pode ver nas imagens que seguem; nelas transparecem preconceitos e adjetivos, que acabam por denigrir o aluno.

A figura 1 mostra um conhecido comediante com chapéu que contém orelhas de burro, e na figura 1.1 o referido animal está em frente à lousa, com o giz na boca tentando resolver problemas; “ser burro” é nestas duas representações uma condição inerente ao mau aluno. Destacam-se nas duas figuras, e na pesquisa de imagens realizada, a ideia recorrente da associação entre falta de inteligência e ser mau aluno.



Figura 1 / Fonte:

http://www.google.com.br/search?q=mau%20aluno&bav=on.2,or.&bvm=bv.48340889,d.eWU&biw=1293&bih=647&um=1&ie=UTF8&hl=ptBR&tbn=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=kyLLUaZThfb2BJO3gNAB#facrc=_&imgcr=nptTrK3H89ySLM%3A%3B11LgCsk7UiwxM%3Bhttp%253A%252F%252F1.bp.blogspot.com%252F_GvQj4iuhf0%252FS78mqyUEH9I%252FAAAAAAAAAA4k%252F16E5XwESGiQ%252Fs1600%252Fdanilogentilivertical.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Flivrolivreconsciente coletivo.blogo2F2010%252F04%252Flivro-que-ensina-como-ser-mau-aluno-e.html%3B300%3B338

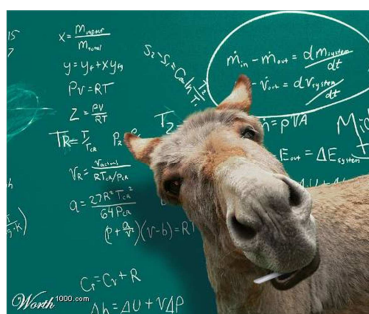


Figura 1.1 / Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?q=mau+aluno&hl=ptBR&bih=604&biw=1293&tbn=isch&tbnid=X1AWP B1XZb0xhM:&imgrefurl=http://idchapeco.com.br/everdadequeeinsteineramaualunoenaioiabememmatematica news8376.html&docid=b4tFMMRZi6VkRM&itg=1&imgurl=http://idchapeco.com.br/img/noticias/06_12_20 12_031449.jpg&w=500&h=416&ei=TjDLUcOIJZPc8wTFp4GYAQ&zoom=1&ved=1t:3588,r:99,s:0,i:384&iact=rc&page=6&tbnh=164&tbnw=187&start=94&ndsp=25&tx=152&ty=94

Nas figuras 2 e 3 estão as representações do mau aluno ligadas ao baixo desempenho nos processos avaliativos. Vemos na imagem dois, a professora em posição usual na sala de aula, atrás da mesa e a frente do quadro negro, segurando uma nota baixa em direção à classe. Na terceira figura Albert Einstein segura seu boletim composto por notas baixas.

A foto de Einstein aparece repetidas vezes na busca por imagens que formam representações do mau aluno no Google, muitos textos na

internet assim como a imagem apresentada, fazem esta referencia ao físico, que é reconhecidamente notório, em função de dificuldades que ele teria tido na trajetória escolar durante a infância. A fama de mau aluno angariada por Einstein pode ser vista como um contraponto de questionamento à tese de que os alunos que tem notas baixas não são inteligentes, uma vez que o cientista, laureado pelo Premio Nobel da Física, possuía uma mente brilhante. Nesta perspectiva que fatores então influenciariam o “ser mau aluno”?

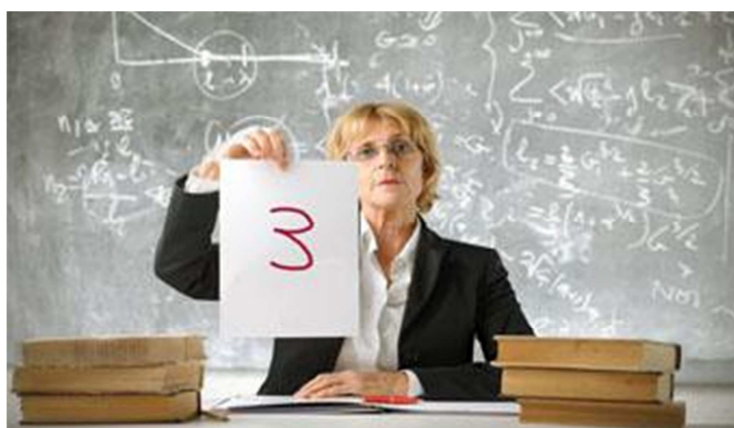


Figura2 / Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?q=mau+aluno&hl=ptBR&biw=1227&bih=653&tbnid=w4F72j06I72n3M:&imgrefurl=http://biorosario.com.br/readnews.php%3Fid%3D822&docid=_J8Ro6y4uJP4FM&imgurl=http://biorosario.com.br/adm/utills/thumb.php%253Fsrc%253Dfiles/noticias/822/1_15.jpg%2526w%253D750%2526h%253D360&w=750&h=360&ei=8ticUZOtI6qY0QGhJCwCQ&zoom=1&ved=1t:3588,r:9,s:0,i:108&iact=rc&dur=629&page=1&tbnh=155&tbnw=324&start=0&ndsp=16&tx=100&ty=101

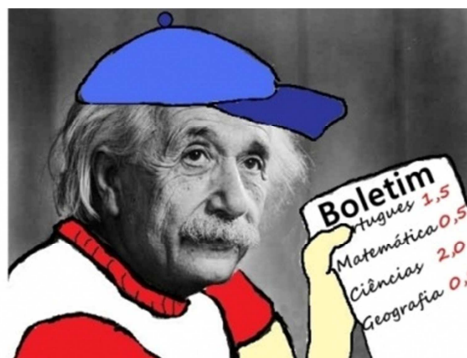


Figura3 / Fonte:

http://www.google.com.br/search?q=mau%20aluno&bav=on.2,or.&bvm=bv.48340889,d.eWU&biw=1293&bih=647&um=1&ie=UTF8&hl=ptBR&tbn=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=kyLLUaZThfb2BJO3gNAB#facrc=_&imgdii=_&imgrc=_cPmHUisqMvM%3A%3BZChNcSKFIOsqNM%3Bhttp%253A%252F%252F4.bp.blogspot.com%252F_uFAZDG6o20%252FTffaWpAkweI%252FAAAAAAAACV4%252FQYjufe3qdhY%252Fs1600%252FAlbert%2525BEinstein%2525Bmau%2525Baluno%2525Bblogwell.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fblogwell-00.blogspot.com%252F2011%252F06%252Fcuriosidades-curiosas-7.html%3B640%3B625

Um professor nocauteado, totalmente machucado e cansado no canto do ringue em sala de aula é apresentado na figura 4; revelando o princípio de que o professor, ao lidar com o aluno problema em sala, enfrenta uma luta difícil de ser vencida. Neste panorama o professor mostra-se no limite de sua atuação (luta), pois ao ser nocauteado a luta acaba, ele não pode ser culpabilizado por não “vencer”.



Figura4 / Fonte:

<http://www.google.com.br/imgres?q=aluno+problema&biw=1293&bih=604&tbm=isch&tbid=ohLKgzOzhEreaM:&imgrefurl=http://cacimbaodahistoria.blogspot.com/2011/06/aluno-problemaalunocomproblema.html&docid=BaScQIM9CTrC4M&imgurl=http://2.bp.blogspot.com/2WSW83jYU/TgKNykbFqBI/AAAAAAAAAFQ/4gEyD60iOm8/s200/chargeprofessor.jpg&w=404&h=288&ei=jyjLUY6mA5SI9AT0t4CYDA&zoom=1&ved=1t:3588,r:4,s:0,i:91&iact=rc&page=1&tbnh=189&tbnw=266&start=0&ndsp=18&tx=82&ty=74>

A imagem 5 mostra um menino em posição de estudo, mas que apesar de estar com livros empilhados, papel e caneta à mão, tem seu pensamento na bola de futebol. As figuras 6 e 6.1 mostram estudantes dormindo em sala de aula.

As três situações descritas nas figuras compartilham o critério da desmotivação, para conceber uma conotação negativa ao aluno. Não há nas imagens a problematização do por que do desinteresse do aluno pelo conteúdo que está sendo estudado; ou o motivo pelo qual o aluno dorme

em sala, durante a aula. Nestas amostras fica acentuado que o comportamento em sala, e não a capacidade do aluno, incubem-no do adjetivo de mau.



Figura 5 / Fonte:

http://www.google.com.br/search?q=mau%20aluno&bav=on.2,or.&bvm=bv.48340889,d.eWU&biw=1293&bih=647&um=1&ie=UTF8&hl=ptBR&tbm=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=kyLLUaZThfb2BJO3gNAB#facrc=_&imgdii=_&imgrc=jFSwqtNkBYrrEM%3A%3BYHYobYPVjCIG5M%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F_ztPp2ZIn9xE%252FS2rlimEzMI%252FAAAAAAAAAAAG8%252FDidpUJWisg%252Fs400%252Feducacao_pensando.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fmateseuprofessor.blogspot.com%252F%3B400%3B388



Figura 6 / Fonte:

<http://www.google.com.br/search?q=mau%20aluno&bav=on.2,or.&bvm=bv.48340889,d.eWU&biw=1293&bih=647&um=1&ie=UTF8&hl=ptBR&tbm=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=kyLLUaZThfb2BJO3gNAB>

#facrc=_&imgdii=_&imgrc=4VXEE2Or5Y2iYM%3A%3BYCYoC2I0O7YQrM%3Bhttp%253A%252F%252Fstudentsschool.com%252Fwpcontent%252Fuploads%252F2009%252F08%252FTipstoavoidsleepinginclas
sforstudentsschool.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fdesbanalizando.blogspot.com%252F2010%252F10%25
2Fpreguica-do-potencial-bom-aluno-na.html%3B340%3B255



Figura 6.1 / Fonte:

<http://www.google.com.br/imgres?q=aluno+problema&um=1&sa=N&biw=1137&bih=554&hl=ptBR&tbm=isch&tbnid=3d120vXrAlocM:&imgrefurl=http://educador.brasilecola.com/sugestoespaisprofessores/comoprocedercomalunosdesmotivados.htm&docid=cccDPvJhtfo0YM&imgurl=http://www.brasilecola.com/upload/e/Alunos%252520desmotivados.gif&w=240&h=256&ei=o5LHUcSFArHC0AHlhoHIBA&zoom=1&ved=1t:3588,r:0,s:0,i:79&iact=rc&page=1&tbnh=200&tbnw=192&start=0&ndsp=11&tx=136&ty=123>

O aluno com a cabeça baixa, em ato reflexivo enfrenta um problema matemático na lousa, possivelmente a figura 7 mostra o aluno que não consegue resolver um problema. A figura 8 mostra o discente sentado na carteira cheio de dúvidas, indicando que a dúvida e o questionamento, são atributos do mau aluno. De forma geral, são abordados nas figuras citadas o conceito de mau aluno atrelado às dificuldades de aprendizado.

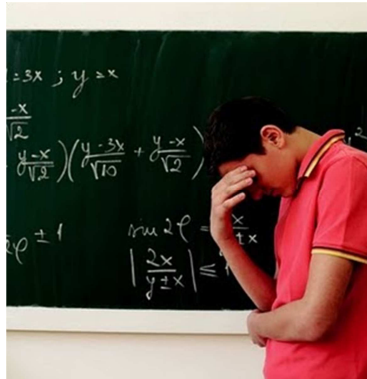


Figura 7 / Fonte:

<http://www.google.com.br/imgres?q=aluno+problema&um=1&sa=N&biw=1137&bih=554&hl=ptBR&tbm=isch&tbnid=0BxOVmWazW83vM:&imgrefurl=http://cacimbaodahistoria.blogspot.com/2011/06/alunoproblemaalunocomproblema.html&docid=BaScQIM9CTrC4M&imgurl=http://4.bp.blogspot.com/iCU8lbgehXQ/TgKN4BGGmVI/AAAAAAAAAFY/TDScZkB90w/s1600/aluno.jpg&w=313&h=320&ei=o5LHUcSFArHC0AHlhoHIBA&zoom=1&iact=rc&page=1&tbnh=192&tbnw=210&start=0&ndsp=11&ved=1t:429,r:2,s:0&tx=552&ty=215>



Figura 8 / Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?q=mau+aluno&sa=X&biw=1293&bih=647&tbm=isch&tbnid=UQbnEWtHn9MxM:&imgrefurl=http://profmorgado33.blogspot.com/2008/05/aulodeexerciciosdedomingo.html&docid=_7DO_bR1QAHEOM&imgurl=http://1.bp.blogspot.com/_h9uXxuzzcE/SB0oequvajI/AAAAAAAAA8I/ujYVcJJeE4I/s400/vestibularaluno.gif&w=386&h=369&ei=fybLUcWbEZDO9gSU9oHAAQ&zoom=1&ved=1t:3588,r:42,s:0,i:213&iact=rc&page=3&tbnh=186&tbnw=195&start=41&ndsp=23&tx=68&ty=114

Em um grande número de vezes os alunos que brigam na escola, aparecem em conexão com os conceitos de aluno (a) problema ou mau aluno (a), como é o exemplo da figura 9.



Figura 9 / Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?q=aluna+ruim&start=151&um=1&biw=1298&bih=605&hl=ptBR&tbm=isch&tbnid=uR7UA48HSOSr_M:&imgrefurl=http://7segundos.com.br/noticias/editoria/alagoas/estudanteapanhaemrapiracaevideocainarede/22016&docid=DCxZHdGCtCMxkM&imgurl=http://7segundos.com.br/public/_IMG/n/noticia_22016.jpg&w=637&h=355&ei=IwfTUdTEDI_M9gSOM4GgAw&zoom=1&ved=1t:3588,r:61,s:100,i:187&iact=rc&page=9&tbnh=167&tbnw=301&ndsp=21&tx=269&ty=53

Os dois meninos da figura 10, estão de castigo em frente à porta do diretor (headmaster). Na imagem 10.1 um menino chuta uma carteira em expressão de raiva. Estão vinculadas nas duas situações o comportamento considerado inadequado e a agressividade em maus discentes.



Figura 10 / Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?q=mau+aluno&um=1&biw=1298&bih=605&hl=ptBR&tbn=isch&tbnid=Bkd3mI12CRb0vM:&imgrefurl=http://estadosentido.blogs.sapo.pt/1611911.html&docid=Brei3wWfwHxgiM&imgurl=http://c7.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/B7a06ef5c/8710899_GzTTM.jpeg&w=473&h=354&ei=sA_TUcOoGLG0QGi8oGYBA&zoom=1&ved=1t:3588,r:20,s:0,i:147&iact=rc&page=2&tbnh=174&tbnw=233&star=16&ndsp=17&tx=122&ty=35



Figura 10.1 / Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?q=mau+aluno&start=450&um=1&biw=1298&bih=605&hl=ptBR&tbn=isch&tbnid=M5goj8cioTd8AM:&imgrefurl=http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/clipping/aluno+agressivo.php&docid=fc6NtC8HzO8SkM&imgurl=tp://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/clipping/imagens/alunoagressivo.jpg&w=320&h=212&ei=9Q_TUfjoJof88gTA84GYCw&zoo=&ved=1t:3588,r:51,s:400,i:157&iact=rc&page=23&tbnh=162&tbnw=245&ndsp=22&tx=89&ty=59

A idade dos estudantes é sublinhada nas imagens 11 e 11.1, nelas quem enfrenta escolarização já adulto ou na terceira idade, figura como mau aluno. Em nossa sociedade é comum enaltecimento da juventude, e á velhice são destinados os sentidos pejorativos e dotados de preconceito. Os postulados em nossa comunidade tentam enquadrar atividades adequados a idade de cada um de nós, cerceando nosso comportamento em função da nossa faixa etária.



Figura11 / Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?q=m%C3%A1+aluna&um=1&sa=N&biw=1298&bih=648&hl=pt-BR&tbn=isch&tbnid=pywMLDjNwUdTtM:&imgrefurl=http://g1.globo.com/educacao/noticia/2010/06/faculdadedaterceiraidadegarantequalidadedevidadizemidosos.html&docid=R5EGHSO_wHGjQM&imgurl=http://s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2010/06/15/naidinha300x225.jpg&w=300&h=225&ei=jAPTUa2xH4vm8gS3UQ&zoom=1&ved=1t:3588,r:32,s:0,i:183&iact=rc&page=2&tbnh=180&tbnw=208&start=18&ndsp=24&tx=1

21&ty=100

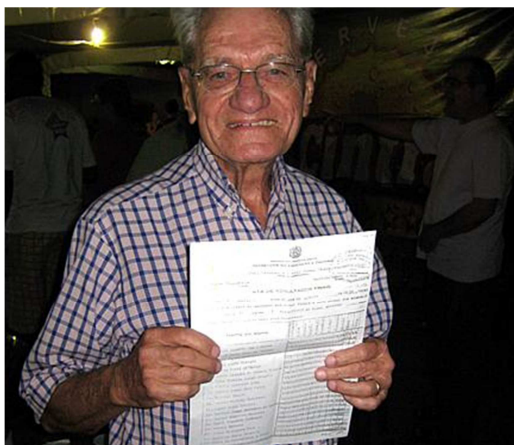


Figura 11.1 / Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?q=mau+aluno&sa=X&biw=1293&bih=647&tbn=isch&tbnid=PE0iqtignm2_M:&imgrefurl=http://veja.abril.com.br/noticia/variedade/preparacaoshowrobertocarlos450467.shtml%3Fprint&docid=kYDVK2uVm221UM&imgurl=http://veja.abril.com.br/imagem/professorrc.jpg&w=434&h=372&ei=fybLUcWbEZDO9gSU9oHAAQ&zoom=1&ved=1t:3588,r:17,s:0,i:130&iact=rc&page=2&tbnh=185&tbnw=188&start=17&ndsp=24&tx=94&ty=53

A aparência física do aluno é posta em relevo pela figura 12, que apresenta um close das feições de um menino, computando este aspecto como relevante na concepção de aluno.

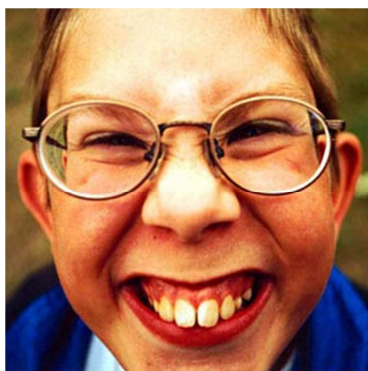


Figura 12/ Fonte:

<http://www.google.com.br/imgres?q=mau+aluno&hl=ptBR&biw=1227&bih=653&tbm=isch&tbnid=iT1VLpaXTEsHzM:&imgrefurl=htth://pessoasprimeiro.wordpress.com/2012/08/25/naosouumcompletoinutilsirvoparadarmauexemplo/&docid=eBBz0VB7rNP2aM&imgurl=http://static.minilua.com/wpcontent/uploads/2011/12/nerdputo.jpg&w=296&h=296&ei=8ticUZOtI6qY0QGhjiCwCQ&zoom=1&ved=1t:3588,r:60,s:0,i:269&iact=rc&dur=1311&page=4&tbnh=185&tbnw=185&start=58&ndsp=24&tx=110&ty=42>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas são as linguagens presentes no social, nossas vivências desenvolvem-se nos valores de nossa cultura, nos princípios que consideramos como verdadeiros e universais; sem nos darmos conta do enraizamento em nós, de certos conceitos tidos como naturais. Segundo Moscovici (apud RANGEL, 1999) todos fazem parte querendo ou não do “coro coletivo”, mesmo entre sujeitos de grupos sociais e condições materiais diferentes há equivalência de ideias.

As representações sociais que circulam na rede sobre os maus alunos, externam preconceitos de nossa sociedade e o atrelamento de conotações negativas. Nas imagens analisadas os aspectos, mas recorrentes correlacionados aos sujeitos classificados como maus alunos são: falta de inteligência, idade, aparência física, comportamento destoante, dificuldades de aprendizado e dúvidas.

Nos estudos que serviram de referência para este trabalho os aspectos mais recorrentes para classificação do aluno como mau são: gênero, condição social e psicológica do indivíduo e de seu familiares. As figuras discutidas possivelmente são representações contemporâneas, que dão enfoques às características “que pulsam” do mau aluno na atualidade, não encontrando clara correspondência nas características marcantes apontadas pelos estudos.

Os aspectos que aparecem nas imagens exemplificam ainda o conflito de ideais que nossa sociedade vivencia; correspondendo ao que nosso meio social valoriza ou desvaloriza.

Vivemos em um mundo altamente competitivo, que prima pela perfeição dos sujeitos, todos querem se enquadrar nos padrões de comportamento, beleza e inteligência.

A juventude e a boa aparência física são constructos que todos querem alcançar e nunca abandonar. Nos discursos sobre o mau aluno aparecem as imagens que o locutor tem de seu lugar social e do lugar social do “outro”, a imagem que faz de si mesmo nessa relação se dá a partir da suposição da imagem que o outro faz dele (TEVES, 1999). Portanto é o professor que em sala, pela sua posição endossada pelo social, se torna o principal construtor da imagem do aluno. Segundo Larossa e Lara (apud Cavallari, 2003) é o professor quem decide como o outro é e o que lhe falta.

A pesquisa de Rosenthal (1964) demonstrou que a expectativa do professor a respeito de seu aluno influencia em seu desempenho escolar, corroborando para o alerta, que aqui se que debater, e cuidados que devem prevalecer na relação do docente com o estudante.

Refletir sobre as representações em nossa sociedade, evidencia a importância do cuidado na formulação das sentenças exteriorizadas na comunicação docente-discente em sala de aula, rompendo com representações vigentes no social.

Espera-se neste sentido que professores sejam capazes de pensar e examinar criticamente a realidade social que partilham, desconstruindo representações. Este movimento implica a construção de um pensar comprometido com a construção da identidade e com a formação do sujeito aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETTO, ELBA S. DE SÁ. **Bons e maus vistos alunos, e suas famílias vistos pela professora de 1º grau.** Cad. de Pesquisas ,São Paulo, (37):84-89, Mai. 1981.

BARROS, F. ; HALPERN, S.C. ; SILVA, C.A.D e SILVA, L.A.D. **Meninas bem-comportadas, boas alunas, meninos inteligentes, mas indisciplinados,** *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 107, p. 207-225, jul. 1999.

BRITTO, V. M. V. ; LOMÔNACO, J. F. B. . **Expectativas do professor: implicações psicológicas e sociais.** *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília - DF, v. 3, n. 2, p. 57-80, 1983.

CAVALLARI, JULIANA S. **O discurso avaliador do sujeito professor na constituição do sujeito aluno.** In: *Letras & Letras*, Uberlândia, 19 (1) 37-51, jan./jun. 2003.

CORACINI, M.J. **Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade.** In *Letras & Letras*, Uberlândia, MG, vol.14, no 1, p.153-169. (2000).
Autonomia, poder e identidade na sala de aula. In *Linguística e Educação: Gramática, Discurso e Ensino*. Oliveira & Passegi [org.]. & Pereira [orgs.] (2001).

DEL PRETTE, Z.A.P. & MARTINI, M. L. **Atribuições de causalidade para o sucesso e o fracasso escolar dos seus alunos por professoras do ensino fundamental 1.** *Interação em Psicologia*, jul./dez. 2002, (6)2, p. 149-156.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

JODELET, D. **Représentations sociales: un domaine en expansion.** *In* D. Jodelet (Ed.) *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Uso escolar.

JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1994.

KAWAKAMI, V.F. **O professor na sociedade: um estudo de representações sociais.** Campinas, SP : [s.n.], 2008.

LEME, M.A.V.S. **O impacto da teoria das representações sociais.** *In* SPINK, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social.* S. Paulo: Brasiliense, 1993.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 3ª edição. **Petrópolis, RJ:** Editora Vozes, 2005.

NAJLE, Carolina Paz Muñoz e FIAMENGHI, Geraldo. **A relação professores-alunos com dificuldades de aprendizagem e comportamento: historia de mudanças.** Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.7, n.1, p.97-111, 2007

ORNELLAS, Maria de Lourdes. **Representação social do aluno na sala de aula e seu estilo no ato de aprender.**

RANGEL, M. **A Imagem Real e a Imagem Ideal do "Born Aluno".** In: R. bras. Est. pedag., Brasília, v.77, n.186, p. 282-303, maio/ago. 1996

SPINK, M.J. **O estudo empírico das representações sociais.** In SPINK, M. J. (org.) O conhecimento no cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social. S. Paulo: Brasiliense, 1993.

TEVES, Nilda e RANGEL, Mary (orgs). **Representação Social e Educação: temas e enfoques contemporâneos de pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1999.

VASCONCELOS, E. L. de A. **Uma análise da identidade do sujeito aluno a partir do enunciado "ser bom aluno".** Revista Fórum Identidades. Ano 2, Volume 4 – p. 141-151– jul-dez de 2008.

Expectativas dos professores influenciam a performance dos alunos, afirma estudo.
Acesso: <http://digitaispuccampinas.wordpress.com/2012/10/31/expectativas-dos-professores-influencia-a-performance-dos-alunos-afirma-estudo/>